

aqui procurado patenteiar as contradições e êrros da doutrina romana, não falando senão ligeiramente do Espiritismo.

Isto autorisa-nos, na opinião dos homens pensadores, a recusar a moeda falsa que Roma nos oferece por ouro de lei; não, porém, a filiar-nos noutra igreja e a substituir, por outras, as principais crenças, pois queremos tornar bem claro: que, se deixamos de lado alguns ensinos romanos e abraçamos a religião verdadeiramente cristã, não é senão em virtude da maior reflexão — da maior madureza — do maior estudo.

Além de tudo, não só o vulgo, mas também muitíssimas pessoas de grande ilustração, têm formado do Espiritismo um conceito extravagante, sem fundamento, visto não o haver estudado por si mesmos, aceitando com suma ligeireza apreciações alheias, inspiradas, na maioria dos casos, na paixão e no interesse.

Este é mais um motivo para que nos estendamos em considerações, que julgamos oportunas, no intuito de destruirmos conceitos errôneos e infundadas prevenções.

Para tal fim, apresentamos, em frente uns dos outros, os ensinos espíritas e os do catolicismo romano, para que se os compare e se decida quais deles merecem a preferência.

Afirmações romanas:

Um único mundo habitado: a Terra.

Existência única do homem.

Sorte definitiva depois da morte.

Afirmações espíritas:

Pluralidade de mundos habitados.

Pluralidade de existências do homem.

Reincarnação das almas.

Afirmações romanas:

Inferno eterno em absoluto.

Comunicação entre o diabo e o homem.

Afirmações espíritas:

Eternidade relativa dos sofrimentos da alma.

Comunicação dos Espíritos superiores e inferiores com o homem.

Em muitos outros pontos diferem as duas escolas; porém, conforme já dissemos, não pretendemos ocupar-nos extensamente de ambas nem fazermos detalhado estudo comparativo — estudo que talvez mais tarde se realize.

Por hoje, limitaremos nossa tarefa a apresentar ao leitor algumas das razões que põem em relevo a superioridade do cristianismo espírita sobre o romano, em suas essenciais diferenças características.

XVI

Pluralidade dos mundos habitados

Moisés, escrevendo no primeiro capítulo da Gênesis, versículos 14 e 15, que Deus creou os astros para luzirem no firmamento e alumiam a terra, expôz literalmente a opinião vulgar de seus contemporâneos, e porventura a sua própria, pois que, se, como legislador, era ilustrado, como astrônomo não resplendia em tão elevada altura.

Viu que as estrélas luziam e alumiam — e acreditou piamente que o Supremo Creador as havia engastado nas superiores abóbadas, para luzirem e alumiam.

E, como havia concebido, assim o escreveu no primeiro dos livros que compôs para recolher a tradição e referir a história de seu povo.

Apesar da categórica afirmação de Moisés, o certo é que os astros foram criados por Deus para algo mais

que alegrar a Terra com sua luz e nenhuma dúvida temos de que o caudilho do povo hebreu teria opinado conosco, se soubesse que, além do firmamento, rolavam milhões de milhões de astros cuja luz não atinge a Terra.

Para que fim pôs Deus êsse infinito número de astros, que se banham nas imensidades do éter, muito além do firmamento de Moisés?

Este nos disse que foi para alumiar a Terra; mas, uma vez que tal não se dá, fôrça é convir que, longe de supôr-se um êrro de calculo no Legislador do universo, deve-se ter por certo que Moisés se equivocou.

O equívoco do caudilho hebreu desaparece no entanto, se, em vez de se tomarem pela letra os versículos citados, se procurar o conceito que deles decorre.

Subordinando-se todos os demais astros á Terra — e esta, segundo os versículos 28, 29 e 30, ao homem, segue-se que as luzes do céu foram criadas para iluminarem as humanidades, e não sómente ao nosso planeta.

Dêste modo, Moisés, divinamente inspirado, estabeleceu uma grande verdade, desconhecida dèle e dos homens do seu tempo; pois não há dúvida que as estrélas foram criadas para alumiam e darem vida á humanidade.

Sendo assim, é não menos certo que o número dos astros cuja luz não chega á Terra excede infinitivamente á dos que vemos brilhar em torno dela, e podemos, em boa lógica, e autorizados pela Gênesis, deduzir que a humanidade não está limitada aos homens que povoam a superfície do planeta, pois são muitos — muitíssimos — inumeráveis — os mundos habitados espalhados pelo universo — e toda a criação canta a glória e a sabedoria de Deus, visto que em toda ela há sérres capazes de conhecê-lo e adorá-lo.

Esta verdade confirmou-a Jesus, quando disse: Há muitas moradas na casa de meu Pai (1).

Que casa e que moradas são essas de que nos fala Jesus, senão o universo e os mundos que servem de habitação aos homens, infinito universo, e digno da imensidate de Deus, porém, com mundos limitados como as criaturas a quem servem de moradas?

Só a ignorância poderia imaginar que o nosso planeta, o pigmeu dos astros, miserável grão de areia no espaço, merecesse a preferência e a homenagem sobre os demais corpos celestes.

Só o orgulho do homem da Terra, porventura dos menos elevados na escala do progresso, poderia atrevêr-se a pôr limites á criação, supondo que toda a humanidade estava reduzida ao seu mundo.

Como era de esperar, a ciência está de acôrdo com as palavras de Jesus, e com o pensamento que Moisés exprimiu sem penetrá-lo.

As vistas do astrônomo, rompendo pelo telescópio enormes distâncias, fixaram-se em outros astros — e descobriram neles todas as condições de vida que enriquecem o nosso.

E pois que seria ofender a Deus, em sua sabedoria, supôr que êle creou mundos em condições inúteis e desnecessárias, mais uma vez se demonstra que não é a Terra a única habitação dos homens.

Moisés — Jesus Cristo — a ciência, atestam a pluralidade dos mundos habitados; e pois, os que outra coisa afirmam, pecam contra a ciência, contra o Evangelho, e contra a Gênesis.

(1) S. João, cap. XIV, vers. 2.